

# Volcker disse a Rhodes para fechar o acordo

*Rosental C. Alves*



Buenos Aires (Rosental C. Alves) — Quando a primeira notícia confirmada sobre a reforma econômica brasileira chegou a Washington, na quinta-feira da semana passada, o presidente do Federal Reserve, o Banco Central dos Estados Unidos, Paul Volcker, pegou o telefone imediatamente e ligou para o coordenador do Comitê de Credores da dívida externa brasileira, William Rhodes. Não precisou de muitas palavras para convencê-lo a fechar imediatamente o acordo de renegociação de um terço da dívida que estava em discussão com o Brasil.

Este episódio foi contado ontem ao JORNAL DO BRASIL por um alto funcionário do governo brasileiro, que acompanha de perto a questão da dívida externa. Ele já está convencido de que o plano antiinflacionário adotado no Brasil significará luz verde para que, daqui em diante, o Brasil chegue a maiores facilidades nas negociações com os credores.

Segundo esse informante, o principal problema que o Brasil vinha enfrentando junto aos bancos e junto ao governo norte-americano era justamente devido à passividade que o país demonstrava em matéria de combate à inflação. Nos últimos dias, o quadro mudou totalmente e o governo espera contar agora com Paul Volcker como um aliado decisivo.

Em círculos oficiais da Argentina, tinham circulado versões de que, em sua viagem a este país em outubro do ano passado, Volcker fizera uma previsão que se concretizou agora. Quando os argentinos comentaram com ele a situação do Brasil, ele apenas respondeu que não haveria motivos de preocupação porque, até fevereiro ou março, no máximo, o governo brasileiro partiria para drásticas medidas antiinflacionárias.

Na época em que fez essa previsão, Volcker estava em Buenos Aires cobrindo de elogios o Ministro da Economia da Argentina, Sourrouille, e seus ajudantes. Na realidade, Volcker foi um aliado de primeiro momento, pois soube com antecipação que os argentinos iam lançar o Austral e interferiu junto ao FMI para que o programa heterodoxo fosse aceito no lugar da receita tradicional do fundo. Mais tarde, quando a inflação tinha caído, o presidente do Federal Reserve veio a Buenos Aires ver de perto os efeitos do Austral, embora tenha dado a desculpa de que queria apenas pescar trutas.

O ministro Dilson Funaro, contudo, garantiu ontem que o Brasil não consultou nem avisou nenhuma autoridade estrangeira antes de lançar o cruzado. Recordou que uma das diferenças básicas entre os dois planos é que o Brasil não estava dependendo do FMI no momento de lançar sua reforma, ao contrário do que aconteceu com a Argentina.